

MUSEU HISTÓRICO DA BIBLIOTHECA PÚBLICA PELOTENSE: DESAFIOS E PROBLEMÁTICA NA IDENTIFICAÇÃO DO SURGIMENTO DE UM MUSEU

DANIEL BARBIER¹; DIEGO LEMOS RIBEIRO²

¹Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural/ICH/UFPEL –
barbier.daniel@gmail.com

²Departamento de Museologia, Conservação e Restauro/ICH/UFPEL –
dlrmuseologo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Museus são instituições em constantes transformações. Na sociedade contemporânea ocidental, os museus do presente acentuam uma ruptura com os museus do passado, ou “gabinetes de curiosidades”, por exemplo. Autores como Andreas Huyssen, Walter Grasskamp e Paul Connerton sustentam a predominância, na atualidade, do espetáculo (show) nas exposições, resultado, esse, de um movimento global e gradual no trato da cultura como tecnologia de governo e como um bem de mercado, haja visto o emprego corriqueiro de termos como “produto” cultural e “indústria” cultural. Theodor Adorno (2009), Stuart Hall (2003), Eric Hobsbawm (1997), Guy Debord (1997) e outros têm demonstrado a forte influência exercida pelo sistema financeiro mundial sobre a cultura, especialmente em sua dimensão como categoria de comunicação, propaganda, discurso, narrativa, estética, lugar, rotina, rito, tradição, representação e identidade do indivíduo ou de um grupo social. Nesse cenário, o patrimônio cultural, o monumento e o museu representam a síntese desse movimento coordenado e sistematizado, ao ponto de se dizer que “nenhum governo governa sem patrimônio” (FERREIRA, 2008, 39).

Com a finalidade ampla de compreender os processos que levaram ao uso do museu como tecnologia de governo e objeto de interesse do mercado econômico sob a perspectiva da cultura, propomos identificar inicialmente, numa primeira etapa, os motivadores de surgimento de um museu tomando como objeto de estudo o primeiro museu da cidade de Pelotas/RS, o Museu Histórico da Bibliotheca Pública Pelotense (MH-BPP), comparando os fenômenos sociais que impactaram e colaboram no movimento que lhe deu origem em 1904, com a dinâmica dos museus brasileiros nessa época. Vale destacar que nesse período, início do século XX, não existiam mais do que dezessete instituições dessa natureza no Brasil (IBRAM, 2011, p. 59), sendo cinco deles apenas no Rio de Janeiro e os demais encontravam-se distribuídos nas grandes cidades, como Recife, Belém, Curitiba, Maceió, Ouro Preto e Manaus (IBRAM, 2011, p. 61). Colabora em nossa investigação o fato de Pelotas/RS, cidade localizada no sudeste do Estado do Rio Grande do Sul, fundada em 1812, estabelecer os passos de consolidação de seu espaço urbano somente após a década de 1860, momento em que a elite local se recuperava dos prejuízos advindos da Revolução Farroupilha (1835-1845) e o ciclo econômico do charque se aproximava do seu auge. É o interstício curto e atípico entre o período de modernização da cidade e o surgimento de seu primeiro museu – 44 anos – quando percebido no contexto nacional (SCHWARCZ, 2005, 1989; LOPES, 1993; SANTOS, 2000), que nos desperta a curiosidade e cujos resultados de pesquisa apresentamos e discutimos nesse trabalho.

2. METODOLOGIA

O presente projeto trata-se de uma pesquisa sobre patrimônio cultural com ênfase em história e museologia, cujo objeto de estudo é a gênese do primeiro museu da cidade Pelotas/RS, o Museu Histórico da Bibliotheca Pública Pelotense. Utiliza como procedimentos primários, a pesquisa em jornais locais (1904 e anos próximos) e em documentos do Arquivo Histórico da Bibliotheca Pública Pelotense, especialmente nos fundos Biblioteca Pública Pelotense (BPP) e Henrique Carlos de Moraes (HCM), e de outros arquivos que se mostrarem relevantes. Como procedimentos secundários, a revisão bibliográfica referente à (1) origem dos museus na Europa e criação dos museus no Brasil, (2) criação e desenvolvimento de uma política de museus no Brasil até a década de 1922; (3) Pelotas entre os anos 1860 e 1910.

As informações obtidas a partir dessa pesquisa são tratadas com base numa organização cronológica e espacial. Dá-se prioridade às que dizem respeito à formação e tipologia dos acervos nos museus do período proposto, às pessoas e mentalidades envolvidas nas atividades museológicas, bem como suas relações em rede e, por fim, à produção científica e comunicativa dessas instituições, como Revistas e Anais, como forma de identificar as ideias filosóficas e políticas proeminentes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa, ainda em andamento, apresenta alguns resultados que apontam para um movimento conjuntural da função social dos museus brasileiros dentro do recorte e, paradoxalmente, motivos difusos, múltiplos e híbridos no surgimento dessas instituições.

Ao analisarmos Pelotas/RS pós-1860, nos deparamos com uma cidade que se reestruturava da crise econômica gerada pela Revolução Farroupilha e mantinha na indústria saladeril e na sua posição estratégica entre a campanha e o porto de Rio Grande as bases fortes de sua economia¹ que favoreceu a expansão da região, concomitantemente, em população e em instituições culturais e de lazer, entre elas, em 1875, a Bibliotheca Pública Pelotense (BPP). Em pouco tempo, esta instituição passou a realizar uma série de atividades junto à população onde estava inserida, como cursos noturnos de alfabetização, conferências públicas e, em 1904, inaugurava um museu, cujo acervo contemplava, segundo dados dos Anais da Biblioteca Pública Pelotense, ano 1904, 63 documentos autografados e cartas; 820 jornais; 5 livros; 41 boletins; 4 mapas; 163 moedas; 14 medalhas; 45 cédulas monetárias; 30 coleção etenológica [sic]; uma coleção de selos do Brasil; 123 pedras mineirais [sic]; e 10 animais.

Deste modo, a partir da caracterização tipológica do primeiro acervo reunido pelo MH-BPP percebemos, na existência das coleções mineralógicas, zoológicas e etnológicas, que ele estava, de alguma forma, inserido no contexto de museus de história natural do século XIX. Esse dado, por sua vez, nos chamou a atenção para um outro fato. Ao investigarmos as personalidades envolvidas no cenário museológico brasileiro no período, percebemos a presença do zoólogo Hermann von Ihering (1850-1930), diretor no Museu Paulista por 25 anos, no Rio Grande do

¹ O desenvolvimento econômico, bem como o crescimento demográfico, não criou uma sociedade harmoniosa ou igualitária, nem mesmo houve a preocupação na criação de mecanismos políticos de distribuição de renda e propriedades. Ao contrário, o regime escravocrata e os diversos movimentos imigratórios à região favoreceram o surgimento de uma sociedade com fortes contrastes sociais, conforme é possível perceber em Monquelat (2014).

Sul. Apesar de não encontrarmos registros documentais de sua passagem por Pelotas/RS, ao traçarmos um quadrilátero das localidades onde fixou residência (Taquara, 1880-1883; Guaíba 1883-1884; Rio Grande, 1884-1885; e São Lourenço do Sul, 1885), parece-nos improvável que não tenha estabelecido trânsito em Pelotas/RS durante os cinco anos residentes na região e, principalmente, não tenha exercido alguma influência sobre a elite local, como no caso do empresário Carlos Ritter (1851-1926), naturalista autodidata de quem cuja coleção originou o acervo do Museu de História Nacional Carlos Ritter, Pelotas/RS.

H. von Ihering, segundo Schwarcz (2005, p. 128), imprimiu ao Museu Paulista um perfil profissional “adaptado aos grandes centros europeus e conforme com eles”. Suas ideias e influência serviram de mote para identificarmos seis características peculiares presentes no surgimento dos museus à época e que, de forma comum, estiveram presentes nas ações dos mais proeminentes museus do período (séc XIX/1922), a saber, Museu Nacional do Rio de Janeiro, Museu Paraense Emílio Goeldi e Museu Paulista. São as características aqui apresentadas que servirão, posteriormente, de base para compreendermos os motivos fundamentadores do surgimento do MH-BPP. Apontamos, portanto, com a colaboração dos estudos de Maria Margaret Lopes (1993), as seguintes: a) relação entre o desempenho dos museus com movimentos de “consolidação de elites locais”; b) “iniciativas científicas regionais”; c) “surto de desenvolvimento material do país”; d) integração ao “movimento de museus a nível internacional”; e) destaque às Ciências Naturais, que passava por uma “mudança de paradigmas” no final do século. Complementamos, com apoio de Lilia Schwarcz (1993, p. 118 e 119): f) o movimento museológico brasileiro ligado às Ciências Naturais serviu, para alguns grupos, e em níveis diferentes, de pretexto para sustentar teorias raciais, evolucionistas, deterministas e positivistas com fins de estabelecer um conceito de “darwinismo social” em um momento em que se dava a abolição da escravidão e o estabelecimento de imigrantes europeus no Brasil.

4. CONCLUSÕES

Os museus representam a concretude das disputas de poder silenciosas entre grupos sociais ao mostrar a significância que um coletivo dispensa à construção de uma narrativa que o legitima globalmente. A reordenação de objetos alegóricos sem vinculação intrínseca demonstra em si mais uma manipulação política ideológica para determinado fim, do que uma cientificidade ou outra apelação sublime. Seu potencial de mídia de massas e “indústria” cultural de uma classe urbanamente estabelecida homologa os valores dessa classe que pretende ser globalizante. O sentido de “tudo classificar” revela, portanto, uma preocupação de, também, se estabelecer uma estratigrafia social de cultos e incultos, de civilizados e marginalizados.

Assim, as mudanças na organização e na função social dessas instituições são tão profundas quanto as mudanças de paradigmas estabelecidos na história. Frutos do seu tempo, os museus brasileiros, inclusive o MH-BPP, repercutiram os dogmas propostos pelas ciências naturais e humanas que procuravam lançar à humanidade conceitos de evolucionismo e positivismo com fins de justificar e militar em prol de uma sociedade segmentada, hierárquica e “pura”, num momento em que a fronteira entre livre e escravo estava fragilizada. O museu, nesse sentido, aparecia como propaganda do progresso direcionado, imbuindo de afetividade a dimensão cognitiva e doutrinária dessas instituições. Dessa forma,

mesmo ainda não tendo identificado o principal mote fundador do Museu Histórico da Bibliotheca Pública Pelotense, já percebemos, dada plausibilidade das possibilidades anunciadas neste caso, que os museus nascem sempre de uma necessidade política de estabelecimento ou manutenção de um *status quo* bastante definido.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. **Industria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- BIBLIOTECA PÚBLICA PELOTENSE. **Anais da Bibliotheca Pública Pelotense, vol. 1**. Pelotas: BPP, 1904.
- CONNERTON, P. **Seven types of forgetting**. *Memory Studies*, 2008. 1:59.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FERREIRA, L. Patrimônio, Pós-colonialismo e repatriação arqueológica. **Ponta de lança: História, Memória e Cultura**, v.1, p. 37-62, 2008.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HOBSBAWM, E. Introdução: A invenção das Tradições. In: HOBSBAWM, E; RANGER, T (eds.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. pp. 9-24
- HUYSSSEN, A. Escapar de la amnesia: los museos como médio de masas. In: **Em busca del futuro perdido. Cultura y memoria em tiempos de globalización**. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). **Museus em números – Vol. 1**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.
- LOPES, M.M. **As ciências naturais e os museus no Brasil no séc. XIX**. 1993. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- PERES, E.T. **Templo de luz: os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Bibliotheca Pública Pelotense (1875-1925)**. Pelotas: Seiva Publicações, 2002.
- REZENDE, M.G. **Silêncio e esquecimento: Henrique Carlos de Moraes e a construção de um agente de preservação do patrimônio em Pelotas (1933 – 1986)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.
- RUBIRA, L. (org.). **Almanaque do Bicentenário de Pelotas – Volume 2**. Santa Maria: PRO-CULTURA-RS, Pallotti, 2014.
- SANTOS, M.S. Políticas de memória na criação dos museus brasileiros. **Cadernos de sociomuseologia – V. 19, nº 19**. Lisboa: Centro de Estudos de Sociomuseologia; Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias, 2002. p. 115 a 137.
- _____. Os museus Brasileiros e a constituição do imaginário nacional. **Sociedade e estado**. [online]. 2000, vol.15, n.2, pp. 271-302. ISSN 0102-6992.
- SCHWARCZ, L.K.M. A “Era dos Museus de Etnografia” no Brasil: o Museu Paulista, o Museu Nacional e o Museu Paraense em finais do XIX”. In: FIGUEIREDO, BG.(org.) e VIDAL, DG. (org.). **Museus: dos gabinetes de curiosidade à museologia moderna**. Belo Horizonte: Argvmentvm; Brasília: CNPq, 2005. pp.113 – 137.
- _____. Nascimento dos museus no Brasil. In: MICELI, Sergio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Vertice, 1989. pp. 28 – 90.